

Tatuagens e subjetivações: transitando entre o Sagrado e o Profano.

Esse trabalho tem como objetivo estreitar as relações entre alguns textos estudados na disciplina de Estudos Alternativos em Política e Imaginário, ministrada pela Professora Dra. Mara Regina do Nascimento no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, e alguns elementos centrais de meu tema de pesquisa para a dissertação de mestrado. Minha intenção foi juntar as questões do Sagrado e Profano que estudamos ao longo da disciplina com questões relacionadas às subjetivações contemporâneas, neste caso: tatuagem e seu suporte, o corpo. Algumas relações e problemáticas, inclusive, apareceram ao longo das leituras dos textos usados, trazendo grande valia para a elaboração e reflexão de meu tema.

O corpo, indubitavelmente, sempre foi espaço de sacrifícios sagrados. A contemporaneidade, inclusive, gera condições que permitem a máxima sacralização desse corpo. Como? Gerando ideais de corpos que perpassam a frustração humana. Frustração porque são corpos domáveis, perfeitos, saudáveis e onde a gordura, algo da sociedade narcísica, é vista como a mais elementar inimiga – da saúde e da estética. É quase lisérgico sobreviver no mundo materialista, narcisista e extremamente consumista. Lisérgicos porque se tornam corpos híbridos e destituídos de sentido que não seja a idealização do corpo torneado e milimetricamente trincado. Sobreviver a essa catatonia da era do corpo perfeito exige de nós uma ética corporal que transcenda essa obsessão.

Neste momento, faz-se necessário atentarmos ao conceito de Sagrado. É um conceito que volta e meia toma outros rumos e constantemente estão se debruçando para esmiuçá-lo. Mas, antes de tudo, vale salientar, que o corpo está submetido ao crivo tanto do Sagrado como do Profano, pois o corpo – a corporeidade – reflete a cultura de uma época e, óbvio, carrega sensações e emoções. O corpo é político. Quando se trata do Sagrado e suas manifestações, não podemos nos deter apenas ao cristão e ao

eclesiástico. O Sagrado no campo religioso é revestido de ritos, símbolos, sacrifícios e mitos. Segundo Giorgio Agamben, o Sagrado é aquilo que é separado do uso comum dos homens, não é vendido e pertence ao campo do divino e transcendental. Em suma, é um processo de encantamento. Para Mircea Eliade, o indivíduo experimenta o Sagrado na medida em que se opõe ao Profano. Então, se o Sagrado é aquilo que está separado do uso comum, o Profano inspira justamente o comum, aquilo que não está separado para uma esfera transcendental. Segundo Agamben, o que torna algo sagrado são a consagração e o sacrifício, que desloca esse objeto comum do uso do homem e o coloca na esfera do Sagrado através de rituais minuciosos de passagem.

O corpo aqui é visto como um dos elementos principais que sofre, carrega, apreende, suporta e é lugar de potência e poder. Esse poder dialoga incessantemente com o instantâneo, ele precisa ser a todo o momento renovado para ficar mais forte e controlador. O corpo é lugar de poder e, também, de resistência. O corpo compreendido enquanto contenção de energia é corpo que vibra e emana.

O rito enquanto constituinte elementar do Sagrado e do Profano é um comportamento mimético dos Deuses. Ritualizamos porque queremos imitar os Deuses; chegar mais próximo do contato com o Divino. O corpo na contemporaneidade é como o altar que recebe o rito. Sacralizamos os corpos porque almejamos sermos Deuses; profanamos os corpos pelo mesmo motivo. Acrescentemos a essa realidade a condição humana. Condição esta que nos remete sempre, incansavelmente, à vontade de poder e que nos angustia e nos deixa ansioso. Os ritos servem para aliviar a alma e o corpo de condições angustiantes *primevas*. Se a alma grita, o corpo padece. Se a sufocarmos, o corpo padece. Se exagerarmos, o corpo padece.

Para atender as exigências da alma aflita e do corpo que precisa potencializar, verificamos o aumento significativo de academias de ginásticas, danças, clínica de massagens, estúdios de tatuagens e de práticas de modificações corporais – nessa categoria podemos verificar desde cirurgias estéticas em busca de rejuvenescimento quase religioso, lipoaspiração e até modificações corporais consideradas mais extremas.

Aliás, as modificações corporais sempre estiveram presentes na história da humanidade, seja como atitudes de higiene, como, por exemplo, o hábito de cortar as unhas, os cabelos, os pelos etc., seja em rituais tribais ancestrais. A modificação corporal a qual me referi em meu trabalho monográfico de conclusão de curso, diz respeito à estética/comportamento aparente em grupos denominados como tribos urbanas; estou falando de *piercings*, tatuagens, perfurações, bifurcações de membros, alargamento de orifícios, implantes subcutâneos de silicone, inseridos por debaixo da pele de modo que fiquem salientados, escarificações na pele, suspensão do corpo através de ganchos, queimaduras artísticas, tatuagem nos olhos, alargadores nasais, enxertos de pele, dentes lixados, e até mesmo amputações voluntárias de dedos dos pés ou outros membros. Estamos falando de pessoas que, por um determinado ideal não necessariamente estético, sentem dor para modificar seus corpos, para quem sabe, problematizar, chocar e/ou causar horror, ou talvez apenas para subverter, ou para responder a um gosto pessoal. Esses comportamentos cíclicos remetem a uma Sacralização e Profanação dos corpos. Ambos caminham lado a lado, e o que separa isso é muito tênue.

A ordem vigente da sociedade fragmenta e coordena novas formas de relações culturais e sociais. Os desdobramentos nada estáticos da modernidade instituíram novos paradigmas e, não obstante, nos presentearam com a multiplicidade de “Eu’s”, de máscaras. Tal projeto de modernidade, calcado num projeto idealista de individualidade, acaba sobrepujado pela razão instrumental, derivando para a contemporaneidade a necessidade do “Eu” de se organizar e se agrupar de forma defensiva para sobreviver perante a diversidade e os temores das mais variadas naturezas. A busca por uma identidade nesse contexto revela talvez as incertezas quanto à constituição de individualidade.

Em geral, a dita “revolução tecnológica” e a pós-modernidade, geraram novas formas de expressão de identidades coletivas que abraçam para si próprias a busca do controle sobre as vidas dos jovens e, sobretudo, do meio em que vivem. O que me chama atenção aqui é o modo como essas pessoas estão se apropriando destas modificações corporais, para se expressar. Ao invés de escreverem uma música,

pintarem, eles modificam seus próprios corpos, o corpo passa a ser a tela da obra de arte. O corpo sustenta os caracteres, não o papel ou outro suporte. Elas e eles fazem tatuagens.

Vemos nas ruas, pessoas com aparências que não víamos há décadas atrás. Suas ambivalências vão da fascinação ao horror. São capazes de chocarem e fascinarem o observador. Visualizamos os tatuados perambulando, em maior número, pelos grandes centros, onde dividem espaço, disputam, sentem e comungam.

O meu foco de pesquisa para o mestrado é a tatuagem dentre as modificações corporais que apresentei brevemente. Para entendermos melhor essa modalidade de modificação corporal farei essa explanação, inclusive para percebermos como a própria tatuagem transita sempre pelo Sagrado e pelo Profano, jamais permanecendo num estado único. Algumas vertentes de pensamento encaram a tatuagem como uma modificação corporal mais branda, já que ela segue tendências da moda, inclusive, tornando-se um adorno do visual. Porém, Ortega (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, org.), afirma que, mediante algumas afirmações de que a tatuagem virou um elemento *fashion*, ainda não é possível uma completa absorção dessas práticas pelo universo da moda, já que isso demanda toda uma preparação e planificação exaustivas, exigindo diversos cuidados antes e depois, sem falar que tais práticas deixam marcas permanentes e semipermanentes. Para Ortega, essa atenção exacerbada ao corpo pode ser denominada como “bioidentidade”. Bioidentidade seria deslocar a construção e descrição de si para a exterioridade do corpo, praticamente de modo a colocar a alma e os pensamentos virados para fora, estampados na pele. Separar a construção da identidade e colocar num ideal Sacralizado de corpo não seria uma maneira de torna-lo Sagrado? Sagrado porque ele é idealizado e contemplado, pois, antes de querer tais corpos e tais imagens já o idealizamos de antemão, o consumimos de alguma maneira separada e o desejamos. E em que medida ele se Profana? Quando o tiramos do campo da idealização intocável e o furamos e modificamos. O corpo, que na visão cristã é o templo intocável da alma, é o templo sagrado, nossa morada, agora ele é manipulável, o sentido de transcendental da alma agora é exercida na corporeidade já que é na satisfação do resultado que se encontra o sentimento de plenitude, sentimento este que acompanha o ser humano desde seus primórdios. Na contemporaneidade, quem estiver sob o alcance das exigências da

indústria do corpo, da moda e da cultura voltadas ao suposto “belo” vê-se frente à promessa/e na obrigação de alcançar o sucesso. Este tipo de ideal leva as pessoas, sobretudo as mulheres, à corrida frenética em busca do corpo, do rosto, do cabelo, perfeitos. Muitas vezes, esse dispêndio de tempo, de energia, de dinheiro, pode até satisfazer as necessidades de adequação a essa “casca” considerada “bela”, mas por outro lado, pode contribuir para o empobrecimento de outros quesitos, sobretudo o que diz respeito à identidade.

Muitos autores compreendem a *body modification* como uma mão contrária deste movimento da ditadura da beleza, praticamente imposta pela sociedade mercadológica. Imprimir cores e próteses na pele seria uma tentativa de imprimir também um novo padrão estético. Afinal, desde tempos imemoráveis o homem usa de seu corpo para manifestar-se.

Destarte, a tatuagem pode ser concebida como o abre-alas das modificações corporais. A tatuagem é um processo com o qual pigmentos são colocados permanentemente sob a pele. Não conseguimos pontuar exatamente no espaço-tempo onde e quando se iniciou o processo de tatuar a pele, mas, segundo estudiosos do tema, é possível encontrar processos semelhantes no Egito antigo, 2.000 a.C. (SOARES, 2011 *apud* LAUTMAN).

A tatuagem não emerge por si só apenas como um adorno na pele, ela tem significado e esse é um significado histórico. A tatuagem no Egito, onde tudo indica ter sido a região de povos pioneiros em furar a pele e cobri-la com pigmentos, há cerca de 4.000 a 2.000 anos a.C., era um meio de representar artisticamente o corpo, o corpo representado tornava-se imortal, eterno. A tatuagem aqui é carregada de simbologias Sagradas. Segundo Pires,

A imortalidade da alma estava vinculada à representação, à conservação e à recomendação do corpo. Assim, nesse período desenvolveram-se técnicas artísticas de representação do corpo humano – tanto para pintura como para esculturas – métodos científicos de conservação – embalsamação e mumificação – e fórmulas de encantamento. Tendo como objetivo garantir a imortalidade, a arte, para os egípcios, estava intimamente relacionada à magia (...). Para que esse objetivo fosse atingido, além de uma estátua feita à sua semelhança, eram representadas junto ao seu corpo, por meio de pintura, todas as suas posses: dos dons inatos, passando pelo parceiro amoroso e pelos bens materiais, até os escravos. (PIRES, 2003).

No Japão e na China, há registros do uso de tatuagens e marcações corporais como forma de punição, ou seja, marcava-se o corpo de uma pessoa que infringisse à regra. No Japão, no século XVI, nasce a *Yakuza*, uma das mais famosas associações criminosas e mafiosas que obedece a rígidas filosofias e leis próprias e são compostas, *a priori*, somente por homens. Os membros da *Yakuza* têm como marca principal as tatuagens, que geralmente tomam as costas inteiras, ou até mesmo corpos inteiros, com temas orientais e dragões. As mulheres começaram a serem aceitas na organização a partir dos anos de 1990.

Os grupos *Yakuza's* surgiram no Japão Feudal e eram os responsáveis pelos jogos de azar, a prostituição, a agiotagem, o tráfico de drogas, cobranças e proteções, e demais atividades comuns a uma organização mafiosa. Eles adquiriram o hábito de “fechar” o corpo com tatuagens para esconderem as tatuagens feitas por crimes e punições – como uma forma de camuflagem. Neste processo, quem escolhe a tatuagem é o tatuador, conforme a personalidade do tatuado – isso significa geralmente que o tatuador deva conhecer bem a família e a pessoa que será tatuada para confeccionar a sua “segunda pele”. As tatuagens representam coisas diferentes e com o passar do tempo e as mudanças de lugares, elas têm sentidos diferentes. A tatuagem no mediterrâneo geralmente possuía conotação religiosa, já no Haváí ela referia-se principalmente à memória a um ente falecido.

Segundo Ferreira (2007), as marcas nos corpos, principalmente as primeiras - que geralmente são tatuagens - são constituídas de atos impulsivos, pouco refletido ou trabalhado, a primeira marca seria o que ele denomina de “modalidade fluida de reflexividade”, segundo esta autora tais atitudes costumam vir interligadas a uma figura admirável para o indivíduo, seja no campo dos quadrinhos preferidos da infância, seja das bandas que mais gostam, ou de algum personagem fictício com o qual ela se identifique, ou seja, as fontes de inspiração para as tatuagens, geralmente são os heróis ou vilões da vida cotidiana dos jovens.

Se há algo que os jovens sentem ao tomar a decisão de se tatuarem, certamente que isso se refere, principalmente, aos questionamentos quanto ao tamanho da tatuagem,

a cor, o valor, se dói, ou não e sobre quem será o tatuador. Esse *ritual* leva o interessado a até mesmo protelar o ato de demarcação dos detalhes para a realização da tatuagem - pois, as modificações corporais ainda demandam uma razoável quantidade de dinheiro para que tudo ocorra como o esperado, e o produto final, correspondam às expectativas, e para que o processo seja realizado com profissionalismo e com segurança.

Ferreira diz que essas pessoas que protelam esse ato de definitivamente fazer a tatuagem, também estendem o desejo de fazê-la, ou seja, quando se está no campo da idealização, do prazer em imaginar, também se está antecipando sensações.

Sem dúvida, nos guetos *underground's*¹, as tatuagens literalmente deixam sua marca, as primeiras tatuagens dos guetos urbanos, das tribos urbanas, como por exemplo, dos *punk's* dos anos de 1970/80, eram artesanais, seguindo quase sempre o lema do “*do it your self*”². As tatuagens ainda seguem duas modalidades: dos adeptos que realmente são do grupo dos *body mod's*³ e dos que seguem a tendência devido ao fato dessa forma de expressão ter se tornado mais uma forma de modismo. Acho muito difícil falar sobre o fato de a tatuagem ter se tornado um modismo contemporâneo, pois, praticamente, só algumas são aceitas socialmente, ou seja, só as que a “indústria cultural” permite. Afinal, tudo o que a indústria cultural percebe como capaz de ser incorporado, e podendo gerar lucros, torna-se público, ou seja, é posto em evidência, faz-se visível, e ela operacionaliza essas manifestações todas de modo a servirem aos desígnios do “rentável”.

¹ A cultura *underground* aqui é compreendida como as artes plásticas, a música, a literatura, todas as manifestações artísticas e culturais advindas das culturas urbanas contemporâneas e que, entretanto, de alguma maneira, se esforçam para sair dos padrões mercadológicos, do que está “na moda”, do que é apresentado na mídia. O *underground* é o famoso “feito no porão”, “na garagem”. A expressão *underground* vem do inglês e significa “subterrâneo”. Em suma, é a cultura produzida pelos guetos urbanos das grandes cidades. Apesar de muitos movimentos da cena juvenil urbana contemporânea permanecerem no *underground*, algumas viram moda, saem do considerado *subterrâneo*, e entram na moda. Especialistas no assunto dizem que uma manifestação artística, uma banda, um livro, qualquer forma de expressão que seja, quando entra na moda, tem grande notoriedade popular, ela é considerada *mainstream*. Compreendo esse termo como uma gíria que indica que uma determinada manifestação cultural, ou forma de expressão, caiu no gosto da cultura de massas, ou seja, arrisco a dizer que é quando um determinado elemento cultural sai de sua forma *underground*, pois assumiu as formas pressupostas da indústria cultural, tornando-se rentável de alguma forma. Cabe esclarecer aqui que nenhum movimento cultural urbano contemporâneo está livre de cair nas amarras do capitalismo tardio, como veremos adiante. *Mainstream* é uma expressão inglesa e significa “corrente principal”, dando a ideia de um “gosto coletivo” das massas. *Mainstream* é um adjetivo relativo à expressão do inglês *conventional* que significa convencional. Cabe esclarecer aqui, que não estou colocando apenas dois lados da moeda, reduzindo, mas apontando a forma de como as manifestações artísticas são avaliadas pela indústria cultural.

² Do inglês “faça você mesmo”

³ Termo usado para se referir aos adeptos da *body modification*

Mas, isso é uma discussão que ainda causam controvérsias, porque, ao mesmo tempo em que as modificações corporais e, sobretudo as tatuagens remetem à figura da dissidência e subversão, elas custam caro aos bolsos dos dissidentes. Ao mesmo tempo em que por ser uma marca permanente, considerada uma forma de obra de arte, e exigir certos materiais de boa qualidade e descartáveis, ela precisa de um valor que faça jus aos seus custos. A tatuagem, assim como os *piercings*, é categorizada, segundo os inteirados de modificação corporal, como modificação corporal “não extrema”, pois ela é mais aceita socialmente hoje em dia. Estou de acordo com tal definição, pois, como já disseram alguns ícones do movimento em entrevistas que concederam a outros pesquisadores que tratam desse assunto, a definição de “extremo”, hoje em dia, seria formas de modificação mais radicais como, por exemplo, a amputação, diante das quais, um *piercing*, ou uma tatuagem, seriam tão amenos quanto cócegas.

Encontramos textos sobre tatuagens nos escritos de Heródoto em 700 a.C. Há presença das tatuagens nos escritos gregos e romanos, cada qual com suas funções e particularidades. Diz-se que na Grécia tatuavam-se os escravos com os nomes de seus donos e em Roma tatuavam-se os legionários com o nome de seu general e o símbolo de uma águia, tinha-se o hábito de tatuar os marginais de modo a ficarem estigmatizados. Na cristandade, costumava-se tatuar a cruz nos rostos e nos braços dos mais fiéis, esse hábito não perdurou muito tempo, em virtude de se acreditar que qualquer “violência” contra o corpo, estava infligindo-o, este que é à imagem e semelhança de Deus e, por isso, até hoje os religiosos fervorosos tendem a torcerem os narizes para essa prática.

Na modernidade, temos a emergência da tatuagem no século XVIII, com as viagens exploratórias de James Cook, segundo Janeiro:

O primeiro contato acontece na Polinésia. É lá que o navegador trava conhecimento com uma cultura na qual a tatuagem estava amplamente inserida. Esta prática havia se tornado popular entre os marinheiros e, quando fora trazida para a Europa, passou a ser vista pela elite europeia como algo bárbaro e selvagem. No século XIX encontramos o apogeu da tatuagem como espetáculo. Esse tipo de evento se manteve até então como uma espécie de subcultura, assim permanecendo até a primeira grande guerra. Após esse período, a tatuagem se tornou mais disseminada entre a população em geral e seu interesse como atração se esvaiu. Encontramos ainda um breve período em meados do século XIX no qual a tatuagem se tornou comum entre os nobres europeus. Nessa época, também, vimos surgir o *piercing* nas sociedades ocidentais, trazido por legionários em suas viagens ao Oriente e ao Pacífico. No Brasil, o precursor da tatuagem moderna foi um cidadão dinamarquês chamado Knud Harald Lucky Gegeresen, conhecido

popularmente como Lucky ou Mr. Tattoo. Lucky chegou ao Brasil em 1959 e se estabeleceu em Santos – SP. (JANEIRO, 2010).

Sem dúvida, Lucky teve profunda participação na história da tatuagem, inclusive, a contribuição de seu trabalho como tatuador vale muito, por mais imperfeitas que fossem as suas tatuagens. Ele foi, por um longo período, o único tatuador a atuar aqui no Brasil – morreu em 1975 –, até que começaram a aparecer outros que o tinham como referência, inclusive. Além desses registros sobre a tatuagem, encontramos também a sua presença, além da Polinésia, nas Filipinas e na Nova Zelândia (maori). Sobre as motivações para as escolhas das tatuagens observadas, inclusive, devido a minhas visitas e perambulações por estúdios de tatuagens, que a questão estética é o maior motivador para a escolha de uma tatuagem. O que confirma uma entrevista que Abonizio e Fonseca (2010) realizaram com um profissional do ramo de tatuagens. Nessa entrevista que este profissional concedeu a essas duas autoras, ele afirmou que a maioria das pessoas, ao escolherem suas tatuagens, guia-se mais pelo quesito estético diante dos catálogos existentes nos estúdios, do que pelo real valor simbólico da marca que estará em seus corpos para sempre. Para ele existe uma frase que define bem esse tipo de comportamento: “entra pensando em gatos e sai com flores no corpo”.

Segundo Leitão:

Também em Flaubert as tatuagens cartagineses aparecem no romance *Salambô*, no corpo dos guerreiros e prisioneiros. Kafka, em *Na colônia Penal* traz a máquina fantástica que tatua a sentença no corpo do acusado, de acordo com o crime que ele cometeu. Este não sabe, entretanto qual é seu crime e menos ainda seu destino. Em momento algum isso deve ser dito através de palavras. É na pele, nos desenhos que a máquina fará em suas costas que ele saberá. Em cem anos de solidão de Gabriel Garcia Márquez, um dos José Arcádios, que povoam a Buendía, e o romance, vai embora de Macondo com os ciganos e, quando volta, traz o corpo todo bordado de tatuagens, encantando as mulheres da cidade. (LEITÃO, 2010)

Também acredito que refletir sobre essa escolha do objeto de uma tatuagem seja importante, pois a tatuagem não é meramente uma marca. Assim como todas as marcas das modificações, fazer uma tatuagem não é apenas acrescentar um símbolo em nossa epiderme, mas faz parte da própria construção, da constituição de um indivíduo, de um sujeito. É a constituição de um corpo, que, automaticamente, é a construção de indivíduo. Que é linguagem de uma época e de um *ethos*.

Temos que nos atentar, também, que as tatuagens aparecem no século XIX e início do XX como elemento bizarro e *freak*. Pessoas tatuadas eram expostas em circo de *freak show* para alimentar o gosto pelo horror e pelo bizarro inerente ao ser humano. Quase que uma descida ao purgatório. A tatuagem aqui, sem dúvidas, é um elemento profanatório e diabólico.

Uma nova modalidade em voga hoje é a tatuagem no globo ocular, o procedimento consiste em injetar pigmentos específicos que colorem os olhos. Aqui no Brasil essa ainda não é uma técnica comum e sua história oficial é discutível. Segundo o site especializado em modificações *Frrrkguys*, o *eyball tatooin*g começou em 2007 com Shannon Larraft (ícone mundial da modificação corporal e fundador da revista virtual especializada em modificação corporal BMEzine⁴, *in memoriam*). Com relação a essa modalidade de tatuagem, o procedimento para sua realização pode ser descrito da seguinte forma: o pigmento tem que ser injetado apenas na camada cristalina do olho e não deve ser inserido dentro, pois pode causar cegueira completa, além disso, trata-se de um procedimento irreversível.

O corpo neste contexto é objeto de subjetividade e comporta uma linguagem, Segundo Garcia:

O corpo surge na atualidade como tema de profundas (trans/de)formações, e provoca aguçado destempero. Do natural ao artificial, do úmido ao seco, da matéria ao espírito, do orgânico ao maquinico, o debate a respeito do corpo parece ser tema efervescente, sobretudo pela complexidade tenaz que se expõe no contemporâneo. Presenciam-se as (trans/de) formações do corpo e, com elas, instauram as “novas/outras” mediações entre o cuidar da aparência física e sua representação sociocultural. Não nos cabe julgar os artifícios de (trans/de) formações do corpo, apenas reconsidera-lo como pratica discursiva na ordem da espetacularização corpórea. Privilegia-se a aparência como condição fundamental à sociabilidade da cultura contemporânea. (GARCIA, 2005.)

Na esquizofrenia contemporânea do ideal de corpos, ou até mesmo em busca do *look* perfeito, estamos subordinados a uma exaltação longínqua e a um sonho faustiano⁵ de expressão de juventude eterna e potência. Potência muitas vezes desconhecida, pois essa corrida ao ideal do corpo acaba sobrepujando o que há de mais elementar na tríade contemporânea: um ideal ético-estético-político. Destarte, a *body*

⁴ www.bmezine.com

⁵ No sentido do personagem de Goethe, Fausto. O mito fáustico é um problema da modernidade, por excelência.

modification e as transformações corpóreas de outras naturezas exploram as possibilidades e limitações de sensações que através de recursos tecnológicos proporcionam, supostamente, a autonomia na modelagem dos próprios corpos e de construções de identidades. Esse Hibridismo confunde e camufla valores estéticos e culturais, pois as modificações corporais problematizam as fronteiras entre os conceitos de natureza e cultura. Era de se esperar que tais comportamentos proporcionassem relativos choques de paradigmas, quiçá, rupturas, frente a padrões estéticos e morais impostas por uma mídia que sacraliza o corpo em favor dos interesses da sociedade de consumo, da beleza e do eu narcísico, isso sem falar na quebra de paradigmas do ideal de homem.

Os dispositivos de poder em nossa sociedade contemporânea exercem tão bem suas influências mandamentais que se confundem com os mandamentos sagrados religiosos que ditam as regras ao assujeitamento do indivíduo. A plenitude espiritual neste caso vem ressignificado de satisfação de domínios dos corpos: se eu me tatuo, se eu consigo fazer dieta, se eu faço exercícios pesados, enfim, quanto mais controle consegue dele, mais sensação plena o sujeito tem em relação ao seu corpo e o domínio dele. Essa lógica coincide com a do pensador da Religião Charles Taylor: a plenitude é um poder, se conseguimos dominá-lo, estamos plenos e é obvio que a Razão Instrumental apenas nos dá a sensação de plenitude quando na verdade, muitas vezes, podemos estar caminhando a passos largos para o trajeto contrário, característica inerente da pós-modernidade. Quando nos perguntamos se há algo de transcendente nas pessoas, acho que estas modalidades, ao menos, tentam ocupar o espaço de algo que faça nossas consciências transcender. Como o homem é por natureza um ser incompleto, suas buscas incessantes pelo preenchimento do que Freud chama de “sentimento oceânico” ainda pode nos surpreender, muito. Essa sensação de “nunca chegar a ser” que a sociedade contemporânea nos promove é o que coloca nossos corpos num lugar improfanável. Pois, os ideais ditados pelo sistema capitalista são inalcançáveis fazendo com que tramitemos do Sagrado para o Profano sem profanar nossos corpos de verdade, pois o ideal é inatingível. Arrisco a dizer que esse é um sintoma contemporâneo: nossos corpos Sagrados, profanados e, sem conseguir profaná-los de fato, essa é a angústia. Da mesma maneira que os manipulamos e os furamos,

torturamos, fazemos cortes e rasgos, jamais conseguimos chegar ao ideal, mesmo porque esses corpos do mercado desonesto da beleza são inatingíveis e mesmo que conseguimos chegar perto de uma idealização, nossa vontade de poder já transmutou nossos desejos, fazendo com que queremos modificar nossos corpos cada vez mais. A contemporaneidade coloca o Ter em detrimento do Ser.

Ainda sobre o Sagrado, o ser humano está sempre tentando experimentá-lo mesmo que nunca chegue, é o vazio da angustia que sempre precisa ser preenchido. O corpo físico, sem dúvida, é o corpo que experimenta o Sagrado. Um Sagrado fora do contexto, um Sagrado com o mesmo significado Benjaminiano: o capitalismo é como uma Religião. Entender isso significa atentar-se a todos os tentáculos dos desígnios capitalistas, inclusive o domínio sobre nossos corpos, sobre nossas identidades e ainda sobre nossos gêneros.

Referencia Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. In: O que é o contemporâneo e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

_____. Profanações. Tradução e apresentação Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

ABONIZIO, Juliana. FERNANDES DA FONSECA, Ana G. Mendes. *Modificação Ritual do Corpo: Dor, Morte e Nojo nos Freak Show's*. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. e-cadernos CES, 08, 2010: 49-61.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.

BALANDIER, Georges. *O contorno: poder e modernidade*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo. Companhia das letras. 1986.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio De Janeiro, Jorge Zahar. 2001.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre. IFCH – UNICAMP. Campinas. 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto IV: A ascensão da Insignificância*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COSTA, Ana. *Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 144 p.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FEATHERSTONE, M. O. *Desmanche da Cultura-Globalização, Pós-Modernismo e Identidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FERREIRA, Vítor Sérgio. *Marcas que Demarcam: Corpo, Tatuagem e Body Piercing em Contextos Juvenis*. Lisboa: ISCTE, 2007. Tese de doutoramento.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Ed. 2ª Editora Presença. Lisboa. 1989.

FREUD, Sigmund. “O estranho”, 1919. In: _____. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 233-270. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

_____. O mal-estar na civilização. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, Erich. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Legitimidade e utilidade da história: canções, moínhos e outras coisas*. In: *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. p. 325-336.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2005.

HAROCHE, Claudine. *A condição sensível: Formas e Maneiras de Sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 2008.

HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANEIRO, Mariana. *Freak Out – Le Freak C’est Chic*. Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP), TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), Fotografia, 2010.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEITÃO, Débora Krischke. *À flor da pele: Estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos*. 2000, 37p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000.

MAFFESOLI, Michel. *Ética da estética*. Papeis avulsos 3. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos. 1990.

_____. *O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1987.

MARCUSE, Herbert. “A arte na sociedade unidimensional”. _____. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 250. O ensaio foi publicado pela primeira vez em 1967, na revista *Arts Magazine*.

NASCIMENTO, Márcio A. N. do. PERES, William Siqueira. *Pode o body modification produzir resistência ao binarismo sexual?* Universidade Estadual Paulista –

UNESP/Assis. Doutorado (recorte da pesquisa em andamento) Área: Psicologia Ano: 2012.

ORTEGA, F. “*Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas Corporais*”. _____ In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SEIXAS, Jacy Alves. *A imaginação do outro e as subjetividades narcísicas: um olhar sobre a invisibilidade contemporânea [o Mal-Estar de Flaubert no Orkut]*. In: NAXARA, Márcia R. C.; MARSON, Izabel A.; MAGALHÃES, Marion B. de. (Org.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

RODRIGUES, Alexandra Arnold. CANIATO, Angela Maria Pires. “*Corpormercadoria*”, *sob controle e punição: prenúncios de uma subjetividade aniquilada?* Rev. Mal-Estar Subj.[online]. 2009, vol.9, n.2, pp. 647-687. ISSN 1518-6148.

LASTORIA, L. A. C. N. (2004). *Utopias somáticas como contraface da distopia social*. Anais do Colóquio Internacional Teoria Crítica e Educação, Piracicaba, SP. P. 1-8.

VOLPI, José Henrique. “*Body modification: uma leitura caracterológica da identidade inscrita no corpo*.” encontro Paranaense, congresso brasileiro de psicoterapias corporais, XIV, IX, 2009. Anais. Curitiba, Centro Reichiano ,2009 CD-ROM – ISBN: 9788587691163 disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Último acesso: 28/01/2013.

ZANCO, N.H.T., *A carne perfurada e uma geração modificada: body modification, sensações e contemporaneidade*. 105 pgs. Monografia – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História. Uberlândia. 2013.

**CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE HISTÓRIA**

**NOVAS EPISTEMAS
E
NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS**

27 a 29 de setembro de 2016
JATAÍ - GO
UFG - Regional Jataí